



Apresentação

Vinte anos de Ges-Usp e dezesseis anos de revista *Estudos Semióticos* *

Ivã Carlos Lopes **

Eliane Soares de Lima ***

Carolina Lindenberg Lemos ****

Este número da revista *Estudos Semióticos* vem a público no momento em que o Grupo de Estudos Semióticos da FFLCH-USP completa vinte anos de existência. Embora seja difícil resumir uma trajetória de duas décadas de trabalhos intensos e intervenções de diferentes tipos em umas poucas linhas, é preciso registrar alguns pontos, ao menos, em prol da memória.

O Grupo nasceu em 2001, essencialmente pela iniciativa de pós-graduandos em Semiótica da USP, interessados em compreender melhor, antes de mais nada, as transformações que se delineavam na Semiótica narrativa e discursiva desde a última fase da carreira intelectual de A. J. Greimas, na passagem entre as décadas de 1980 e 90. A chamada “virada modal” que tinha levado à semiótica das paixões fazia parte das mudanças recentes, assim como os esforços em direção a uma epistemologia do contínuo, nos quais se esboçava aos poucos uma interpretação tensiva da teoria semiótica; essas e outras estavam entre as indagações que motivaram as reuniões semanais de leitura e discussão de textos. Tais leituras e conversas acabaram por estimular também outras propostas. Já no primeiro ano, o grupo criou o miniENAPOL de Semiótica, um seminário anual para que os mestrandos e doutorandos da área na Pós-graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2021.183938>.

** Editor responsável. Docente do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: lopesic@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0153-1949>.

*** Editora responsável. Pós-Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística geral da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: li.soli@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0198-4473>.

**** Editora responsável. Docente do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: carolina.lemos@ufc.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0114-2548>.

USP expusessem o andamento de suas pesquisas. Dois anos depois, inaugurou-se o FAPS – Fórum de Atualização em Pesquisas Semióticas, com palestras mensais de doutores convidados, sempre reunindo semioticistas e estudiosos de outras disciplinas, em um projeto transversal que favorecesse a avaliação do lugar da Semiótica em meio aos saberes adjacentes. Mais dois anos e lançava-se, em 2005, esta revista de estudos. Surgida como produção artesanal de uns poucos voluntários e conduzida valentemente pelo então doutorando Peter Dietrich, a revista adotaria a partir de 2009, já sob a direção de Mariana Luz Pessoa de Barros e Francisco Elias Simão Merçon, a periodicidade semestral, até optar pela frequência de três edições ao ano, a partir de 2017. Seu período de existência é marcado pela progressiva imposição da CAPES e de seu sistema QUALIS como avaliadores das publicações científicas do país, padronizando, normatizando e aplicando uma severa peneiragem aos periódicos, muitos dos quais tombaram pelo caminho. Persistimos e a *Estudos Semióticos* acabou se consolidando como um dos raros veículos da produção da área no Brasil, ganhando também, paulatinamente, maior participação de colegas estrangeiros em suas páginas. Toda a coleção tem sido produzida, desde o princípio, graças ao trabalho benévolo dos membros da equipe editorial. Editores adjuntos, avaliadores dos trabalhos, diagramadores, estão entre os que têm doado algo de seu tempo e energia em prol da continuidade e aprimoramento permanente de um periódico de qualidade para as pesquisas semióticas.

No mesmo ano de 2005 foi criado o Seminário de Semiótica na USP, por alcunha Sem-Sem, para agrupar as palestras de professores que, ano sim, ano não, coroavam o final das tardes do miniENAPOL. Algumas edições do Sem-Sem, com o passar do tempo, acabariam sendo concebidas tematicamente: assim, por exemplo, o sétimo encontro, homenageando em 2017 o centenário de nascimento de Greimas (1917 - 1992), e o oitavo, oferecendo em 2019 um tributo a Claude Zilberberg (1938 - 2018) com a participação de semioticistas de várias universidades brasileiras.

À medida que avançavam os anos, alguns eventos, ora nacionais, ora internacionais, foram promovidos. O primeiro deles foi, em 2007, o simpósio “Saussure, 150 – CLG, 100”, organizado em colaboração com o CEDOCH, Centro de Documentação em Historiografia da Linguística, dirigido pelas colegas do Departamento de Linguística da USP, Cristina Altman e Olga Coelho, encontro celebrando as datas do nascimento de Saussure e da realização primeira do *Curso de Linguística Geral*; de fato, o CEDOCH tem sido o parceiro do Ges-Usp na organização de todos os seus eventos mais relevantes. Em março de 2008, o simpósio “Linguagem da Canção” reuniu historiadores, musicólogos, linguistas, críticos literários, educadores, antropólogos e semioticistas em torno do objeto *canção*, notoriamente um dos campos em que a semiótica brasileira, a partir da contribuição de Luiz Tatit, tem um protagonismo internacional. O maior evento

realizado pelo Ges-Usp até o presente foi, em setembro de 2013, o congresso internacional “Cem anos com Saussure”, por ocasião do centenário de falecimento do mestre genebrino. Eram ainda os anos de vacas gordas e, assim, pudemos contar com ajuda financeira da CAPES e da FAPESP para trazer a São Paulo vários pesquisadores, vindos dos sete mares, entre os mais destacados conhecedores contemporâneos da obra saussuriana. Foi um encontro marcante, transcorrido ao longo de uma semana inteira de sessões no anfiteatro da História FFLCH-USP. As contribuições seriam por fim publicadas em 2016 pela editora Annablume, nos dois tomos da obra de igual título. Um par de anos mais tarde, o Ges-Usp sediou em junho de 2015 o simpósio internacional “Hjlemslev, 50 anos depois”, numa organização conjunta com outros Departamentos do curso de Letras da USP e outras universidades, e no qual pudemos ter a companhia de grandes estudiosos da Glossemática, tanto do Brasil como do estrangeiro.

O recrudescimento do diálogo com os semioticistas de outros países tem constituído um dos esforços do GES, e não apenas na revista. Entre 2011 e 2013, firmamos com os colegas da área de Semiótica e Retórica da Universidade de Liège um projeto binacional de pesquisa, que sob a direção de Sémir Badir (equipe belga) e de Waldir Bevidas (equipe brasileira) estudou a participação das imagens na produção e difusão da ciência em geral. Sempre pudemos organizar ciclos de palestras, cursos breves, colóquios e reuniões com os estudiosos de além-fronteiras que por aqui passavam, por vezes em parceria com outros centros, como a Universidade Mackenzie, a PUC-SP, a UNIFESP, a UNESP (Araraquara), a UFF (Niterói) ou a UFC (Fortaleza).

Tendo em mente, além disso, e sobretudo, a formação dos estudantes, novas iniciativas têm sido continuamente propostas. Em 2006 demos início à série Semiótica Seminal, em que importantes semioticistas ministram cursos breves destinados aos alunos de Graduação, Pós-graduação e demais interessados nas temáticas eleitas. Três edições ocorreram até 2009; a série reiniciou-se em 2018, com periodicidade semestral, antes de ser pausada no ano atípico, no ano caótico de 2020. Com preocupação similar, em 2007 foi lançado o LabOrES (Laboratório de Orientação em Estudos Semióticos), sistematizando as reuniões de estudo entre os pós-graduandos para debate de leituras programadas. Mais recentemente, foi atendida a reivindicação de estudantes desejosos de um espaço para conhecer e aprofundar as bases da Semiótica, criando-se em 2019 o LabOrino (Laboratório de Orientação em Estudos Semióticos – bases), a fim de discutir quinzenalmente textos introdutórios à teoria e à aplicação da Semiótica na análise de objetos das diferentes linguagens de manifestação.¹

¹ Conferir ao final a cronologia de eventos e atividades do Ges-Usp.

Desde cedo, percebemos que havia um papel a ser cumprido pelo grupo na construção e sustentação de um calendário da Semiótica entre nós. Iniciativas na área foram sendo lançadas, por diferentes atores da cena acadêmica, há muito tempo no Brasil e especialmente em São Paulo; na maioria dos casos, todavia, não chegaram a perdurar. Cientes do problema, queríamos trabalhar pelo adensamento e pela consolidação no tempo dos encontros semióticos, de tal sorte que se pudesse contar sempre com alguns momentos a pontuar o ano letivo, quer sob a forma de cursos, quer de eventos.

Faz parte dessa preocupação com a duratividade o trabalho do *website* do GES, que o grupo criou já em 2001 e que vem sendo, desde então, permanentemente atualizado por nós mesmos. Sempre *low-tech*, sempre artesanal, ainda assim podemos dizer que o sítio tem desempenhado um papel importante não somente na difusão das atividades do nosso Grupo, mas, além disso, como plataforma de referência e de trocas entre as diferentes células de pesquisa e ensino da área no país. Nos anos recentes, o grupo abriu seus primeiros espaços nas redes sociais (página *Facebook* e canal *YouTube*), em que vem marcando uma presença ainda discreta, mas sempre em dia com as novidades.

Decorridos vinte anos, muita ponte passou por cima da água; atravessamos os breves anos de progresso econômico e social (2003 - 2013), em seguida a crise, hoje o pesadelo em que o país se enfiou e que faz de nós, ao lado de tantos colegas, membros da resistência à ignorância, ao obscurantismo e embrutecimento promovidos pelo atual governo. Como a noite não pode durar eternamente, é preciso, contra todos os indicadores atuais, pensar em dias melhores que o mundo da pesquisa e da educação virá a conquistar, que o Brasil há de conhecer, cedo ou tarde. Quem diz *semiótica* já diz *teimosia*. Insistimos.

Nessa chave da memória da tradição em nossa área, a edição atual da *Estudos Semióticos* inclui um documento, único em seu gênero, sobre a contribuição de Algirdas Julien Greimas e sua difusão pelo mundo afora: o rico e detalhado estudo de Thomas F. Broden (Purdue, Indiana, USA). Estruturado em torno de grandes domínios culturais e linguísticos, seu artigo “A recepção internacional da obra de A. J. Greimas: viagens, traduções, transmissões”, traduzido por Flavia Karla Ribeiro Santos e Patricia Veronica Moreira, recenseia os indicadores da irradiação internacional da Semiótica de Greimas, de Paris para os mais variados pontos geográficos em todos os continentes. Semioticista e *globetrotter*, ex-aluno do pensador lituano e frequentador assíduo dos seminários de Semiótica na capital francesa até o presente, Broden estende amplamente a abrangência, não apenas espacial, mas também temporal de seu exame, cobrindo a progressiva penetração da Semiótica narrativa e discursiva desde os primórdios na década de 1960 até aqui. Atravessando largas áreas culturais, como o domínio românico na Europa e América Latina, o domínio

anglo-saxônico, etc., o autor avalia a repercussão dessa corrente semiótica à luz das trocas de mais longa duração entre os países e suas tradições universitárias, bem como da presença variável da língua francesa nos sistemas educacionais, na história cultural e na vida acadêmica das nações em pauta. Não há dúvida de que tais fatores foram e seguem sendo, em boa medida, determinantes para o acolhimento, mais favorável ou menos, reservado à Semiótica nos diferentes lugares. Todos sabem, por exemplo, que a área da latinidade é o território principal da implantação dessa corrente de pensamento semiótico, em contraste com os países anglófonos, onde a figura precursora de Charles Sanders Peirce contou, desde cedo, com maior adesão. Mas o trabalho de Broden vai além, demonstrando e documentando em pormenor a atividade semiótica nos países contemplados. Para tanto, o autor precisou compulsar um extenso rol de leituras multilíngues, parcialmente registradas na bibliografia ao final do artigo, e completar sua investigação mediante depoimentos e entrevistas de pesquisadores de todas as latitudes, sem mencionar suas infatigáveis buscas pessoais em bibliotecas e centros universitários espalhados pelos quatro cantos do planeta. Ao contato de tantos estudiosos, acaba discutindo, na seção final do texto, a delicada questão da concepção dos universais, para uma teoria, como é o caso da Semiótica narrativa e discursiva, com ambição generalizante mas que, ao analisar textos produzidos neste ou naquele idioma, neste ou naquele instante histórico, se vê necessariamente às voltas com as especificidades de uma determinada cultura e de um dado momento. Fruto de décadas de preparação, eis aqui um trabalho de longo fôlego – cuidadosamente traduzido para esta edição da *Estudos Semióticos* – que com sua preocupação de inclusão e abrangência eleva a um novo patamar a documentação da história em pauta. Não há muitos pesquisadores em condições de levar a efeito um empreendimento assim, que vem em benefício da investigação semiótica *urbi et orbi*, pensada em conexão com o movimento geral das ideias nas ciências humanas e sociais.

O registro de trabalhos importantes consolida-se em “O duplo condicionamento tensivo e retórico das estruturas elementares da significação”, artigo traduzido por Renata Mancini e Ivã Lopes, em que Claude Zilberberg (1938 - 2018) retoma, nas profundezas da geração do sentido tal como concebida pela Escola semiótica de Paris, o “modelo constitucional” (Greimas), expondo suas razões para preconizar uma “retorização da teoria semiótica”, contraparte de uma “semiotização da retórica”, esta abordada em sua vertente topológica. Após a constatação da progressiva desafeição dos especialistas pela *macchinetta* do quadrado semiótico – pois é verdade que esse modelo, outrora frequente nas exposições e publicações da tribo, hoje é menos utilizado –, propõe reinterpretá-lo à base de outras intuições: se o quadrado havia sido apresentado, a princípio, como um modelo de inspiração “lógica” ou, por vezes, “fonológica”, Zilberberg sustenta uma leitura “tensiva” das estruturas elementares, dando-lhes: (i) uma

permeabilidade dos termos confrontados, radicalizando a intuição topológica procedente da glossemática hjelmsleviana, com a incorporação das oposições participativas e com a admissão da primazia dos termos complexos sobre os simples; (ii) a possibilidade de se modularem as distâncias ou os intervalos entre termos, com base na ideia de gradação das diferenças; (iii) uma flexibilidade avaliativa decorrente da consideração dos aumentos e das diminuições experimentados nas “vivências” do sentido por parte dos sujeitos. É aí que entra em cena, com as cifras do “menos” e do “mais”, uma certa “retorização”, pois com ela estamos tratando da busca pela ênfase ou, de maneira geral, pela intensificação dos efeitos do discurso. Denso e surpreendente, como tantos escritos do criador da teoria tensiva, o texto traz uma clara tomada de posição de Zilberberg em favor da retórica dos tropos, a qual, segundo ele, poderia fornecer à Semiótica uma das linhas de força de seu desenvolvimento futuro.

O terceiro artigo do número, intitulado “Semiótica, poder e intolerância”, de Eduardo Carlos Bianca Bittar (Faculdade de Direito da USP), lança luz sobre os riscos – a partir da ascensão dos discursos políticos autoritários e, com eles, dos discursos de ódio e intolerância – da derrisão dos valores do Estado Democrático de Direito, sensivelmente afetado pela crise contemporânea. Ao longo da discussão, o autor enfatiza a contribuição analítico-discursiva da Semiótica Geral, em diálogo direto com a Semiótica do Poder e a Semiótica do Direito, para o desvelamento das condições de formação desses discursos, concebidos como atos de enunciação dotados da capacidade de induzir crenças e paixões próprias à influência de auditórios de eleitores, alterando o rumo das narrativas sociopolíticas. Dentro desse viés, o texto procura mostrar que a Semiótica oferece caminhos para a elaboração de contra-discursos aos discursos hegemônicos, no sentido de promover e reforçar os valores vinculados aos direitos humanos, uma vez que a gênese dos processos de produção do sentido no domínio jurídico está profundamente conectada à gênese dos discursos políticos e sociais.

A problemática dos discursos políticos, abordada agora de um ponto de vista mais amplo, porque abrangendo a força argumentativa das identidades midiáticas que deles despontam, é também o tema do artigo “Sem palco nem palanque? Apontamentos sobre as figuras do herói e do bufão no imaginário da política brasileira”, de Sandra Fischer (Universidade Tuiuti do Paraná) e Aline Vaz (Universidade Tuiuti do Paraná). São os *modos de se dar a ver*, associados a imagens fotográficas de Jair Bolsonaro e seus principais oponentes políticos à época das eleições, Luiz Inácio Lula da Silva e Fernando Haddad, publicadas em redes sociais ou veículos jornalísticos no ano de 2018, o ponto de partida para a discussão proposta. O intuito das autoras é compreender a dinâmica de funcionamento daquilo que definem como sendo a construção do imaginário bolsonarista em contraposição ao imaginário lulista e, para isso, as figuras do

bufão e do herói, tal como definidas por Landowski em um dos capítulos de seu livro *Presenças do outro* (2002), serve a elas como parâmetro.

Nessa constância de assuntos diretamente relacionados aos desafios do contexto sociopolítico contemporâneo se encaixa ainda o texto de Luiza Helena Oliveira da Silva (UFT), “Leituras e escrituras em tempos de pandemia: *quarentenas, quarenteninhas e quaquarentenas*, de Torero e Minkovicius”. O estudo, com base em proposições da literatura de testemunho e da Semiótica Discursiva, examina três séries de pequenas crônicas publicadas no *Facebook*, diariamente, ao longo de 2020, por José Roberto Torero, sempre acompanhadas de ilustrações de Ivo Minkovicius. É a textualização da experiência do acontecimento caracterizado pela situação de pandemia, a vivência de sua duração, e a transformação da percepção sobre a situação em causa, o que interessa à autora. A escrita literária é, assim, vista como forma de resistência, de enfrentamento do aqui-agora do vivido e a partir do qual o eu se posiciona.

O artigo “O estilo dos gêneros”, de Daniervelin Renata Marques Pereira (UFMG), traz, por sua vez, grande contribuição ao estudo dos gêneros do discurso na perspectiva da Semiótica Discursiva. A partir de uma pesquisa bibliográfica dos principais trabalhos de Norma Discini sobre o assunto, bem como de outros semioticistas que têm reforçado o diálogo entre a proposta bakhtiniana e a da Semiótica Discursiva para o tratamento da questão, a pesquisadora busca identificar as proposições teóricas e metodológicas presentes nesses estudos, destacando tanto os principais avanços alcançados, quanto os desafios que ainda precisam ser vencidos. Do ponto de vista da produtividade de aplicação das concepções levantadas, ela propõe um percurso metodológico de análise do estilo do gênero, ilustrando-o a partir do exame de três exemplares de vídeos-resenha coletados na internet e com grande diversidade dos objetos resenhados.

No texto de Alejandro Núñez Alberca (Universidad de Lima), “De Borges a Lou Reed: una aproximación semiótica a la creencia”, é a proposta teórico-metodológica da Semiótica Tensiva, de Claude Zilberberg, que é colocada em destaque para a investigação de dois textos bastante diversos: o conto “Los dos reyes y los dos laberintos”, do escritor argentino Jorge Luis Borges, e a letra da canção “Dime store mystery”, do compositor, cantor e guitarrista norte-americano Lou Reed. O objetivo é verificar o papel desempenhado pela crença e pela afetividade no ato de semiose, ou seja, a articulação existente entre a dimensão modal e a figural no processo de configuração do sentido. Presente no conto e na letra da canção, a dicotomia entre o divino e o humano traz à tona as matrizes do universo semântico então configurado, sustentando, como demonstrará a análise, as variações tensivas que afetam e transformam o corpo dos atores de ambos enunciados. O estudo concentra a sua atenção, pois, na

categoria analítica do sensível, elegendo o campo das valências e o do acontecimento como eixos centrais da investigação.

O último artigo da primeira parte do número, “O observador cognitivo e a adaptação fílmica do espaço”, é de Edison Gomes (FFLCH-USP), que, a partir do exame de uma cena do filme *Paranoid Park* (2007), escrito e dirigido por Gus Van Sant, faz avançar as discussões em torno da noção semiótica de observador, bem como as possibilidades de análise por ela oferecida. Sua proposta, estabelecendo também um diálogo direto e fecundo com a perspectiva da Semiótica Tensiva, é a de que os conteúdos plásticos e cinemáticos do filme sejam vistos não apenas como elementos do texto audiovisual, mas igualmente como parte do texto proxêmico-gestual tensivo e corporificado, por serem capazes de gestos que ele determina como lúdicos e estéticos. Isso explica o fato de, no exame da cena selecionada, que narra o fato desencadeador de toda a narrativa do filme, a sua preocupação ter sido mostrar que o observador projetado e então depreendido utiliza duas estratégias distintas de enunciação do espaço, imprimindo diferentes andamentos ao discurso, diferentes modos de articulação entre o inteligível e o sensível, entre o espaço exterior e o interior.

Esta edição do volume 17 (ano 2021) da *Estudos Semióticos* conta ainda com um dossiê especial organizado e apresentado pelos professores Matheus Nogueira Schwartzmann (UNESP – campus Araraquara) e Silvia Maria de Sousa (UFF – campus Gragoatá, Niterói), coordenadores do GT de Semiótica da ANPOLL, Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (gestão 2018-2020). Os cinco textos que compõem esse dossiê retomam o tema em discussão no biênio, “Semiótica e vida social”, que rendeu, durante os três dias do GT no XXXV ENANPOLL – Encontro Nacional da ANPOLL (dezembro/ 2020), debates bastante produtivos sobre várias questões relacionadas ao contexto cultural e sociopolítico contemporâneo.

Esperamos, por fim, neste momento difícil do país, que a leitura dos textos desta nova edição da *Estudos Semióticos* (vol. 17, n. 1), traga alguma inspiração, um sopro de luz no meio de tamanha escuridão. Sigamos firmes, resistindo!

Cronologia Grupo de Estudos Semióticos GES-USP:

2001 – Fundação do Grupo de Estudos Semióticos da FFLCH-USP – GES-USP

Primeiro miniENAPOL de Semiótica (seminário anual)

2003 – Primeiro ano do FAPS – Fórum de Atualização em Pesquisas Semióticas (palestras e trocas interdisciplinares)

2005 – Primeiro Seminário de Semiótica na USP (Sem-Sem), acompanhando o miniENAPOL

Primeira edição da revista *Estudos Semióticos*

2006 – Primeiro Semiótica Seminal (cursos breves)

2007 – LabOrES – Laboratório de Orientação em Estudos Semióticos (reuniões de pesquisa e leitura que já aconteciam regularmente são sistematizadas sob a coordenação do professor Waldir Beividas)

Simpósio local “Saussure 150, CLG 100”, organizado em parceria com o CEDOCH

2008 – “Linguagem da Canção”, simpósio nacional

2009 – Início da periodicidade semestral da *Estudos Semióticos*

2013 – “Cem anos com Saussure”, congresso internacional com financiamento da CAPES e da FAPESP

2015 – “Hjelmlev, 50 Anos Depois”, simpósio internacional com financiamento da CAPES e da FAPESP

2016 – Publicação (Annablume), em dois volumes com o mesmo título, dos trabalhos apresentados no congresso “Cem anos com Saussure”

2017 – Início da periodicidade quadrimestral da *Estudos Semióticos*

2018 – Retomada da série Semiótica Seminal, em periodicidade semestral, depois da interrupção em 2009

2019 – LabOrino (Laboratório de Orientação em Estudos Semióticos – bases)

Com exceção dos simpósios (2007, 2008, 2013, 2015), de caráter pontual, todas as atividades listadas seguem adiante e continuarão a ser realizadas uma vez que vencemos a pandemia que nos assola ainda neste ano de 2021. ●

 **20 years with GES-USP and 16 years with**

Estudos Semióticos

 LOPES, Ivã Carlos

 LIMA, Eliane Soares de

 LEMOS, Carolina Lindenberg

Como citar este artigo

LOPES, Ivã Carlos; LIMA, Eliane Soares de; LEMOS, Carolina Lindenberg. Vinte anos de Ges-Usp e dezesseis anos de revista Estudos Semióticos. *Estudos Semióticos* [online]. Volume 17, número 1. São Paulo, abril de 2021. p. i-ix. Disponível em: <www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

LOPES, Ivã Carlos; LIMA, Eliane Soares de; LEMOS, Carolina Lindenberg. Vinte anos de Ges-Usp e dezesseis anos de revista Estudos Semióticos. *Estudos Semióticos* [online]. Vol. 17.1. São Paulo, april 2021, p. i-ix. Retrieved from: <www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: year/month/day.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0.
This work is licensed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 License.

